

FHC afirma que continuará "dando trabalho" para Lula

Carol Gherardi

MARCOS SEABRA
SÃO PAULO



FHC: discurso de campanha

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, em palestra para empresários ligados ao Grupo de Líderes Empresariais (Lide) e como se ainda estivesse em plena campanha eleitoral, deu o tom do comportamento de seu partido (PSDB) e dele mesmo para os próximos quatro anos de governo do presidente Lula. "Vamos fazer uma oposição rigorosa".

O ex-presidente garantiu que continuará "dando trabalho" para o presidente reeleito e rebateu, novamente, as críticas feitas ainda durante a campanha do presidente Lula à respeito das privatizações. "Ele criticou algumas vezes o meu comportamento, mas posso garantir a ele (Lula) que vou continuar dando trabalho."

Ele criticou duramente o atual ministro da Fazenda, Guido Mantega, a quem chamou de irresponsável. "O ministro da Fazenda Guido Mantega tem a vantagem de ser irresponsável de falar o que lhe vier à cabeça, porque ele assumiu recentemente, falar é fácil, principalmente sem falar como", afirmou Fernando Henrique. Na noite de domingo, antes mesmo de ser confirmada a reeleição do presidente Lula, Mantega garantiu que o País terá um crescimento econômico por volta de 5% no ano que vem.

O ex-presidente também duvidou da promessa de crescimento de Lula, dizendo que se tratava de uma "bazófia". "Ninguém cresce 5% com investimento abaixo de 20%. O nosso está abaixo, é difícil, (mas) pode haver um milagre, por exemplo, pode ser que os produtos primários cresçam muito de valor (...) Mas, olhando para dentro, não vejo que haja condições", declarou FHC.

O ex-presidente se preocupou em rebater e colocar reticências em todas as propostas feitas na noite de domingo por Lula em seu discurso de vitória, em São Paulo. O primeiro desses pontos foi a reforma política. Como em um discurso de campanha, FHC marcou posição sobre o tema. "Uma das primeiras coisas que ele (Lula) falou foi de uma reforma política, é claro que é necessária, mas é preciso ver como ela será feita; primeiro não deve ser discutido no Palácio do Planalto, mas sim no Congresso para que todos discutam", salientou o ex-presidente em tom de desafio.

FHC reiterou que a posição do PSDB, no caso de uma reforma política, já está bastante clara. "Imagino que, dentro do te-

ma, e como o próprio ministro das Relações Institucionais Tarso Genro sugeriu, as discussões passem pelo sistema eleitoral, o financiamento de campanha e a fidelidade partidária. Para cada ponto, FHC fez um contraponto. Para o tucano, um dos itens da reforma política, a chamada lista partidária, defendida pelo PT, também pode "gerar polêmica". "É uma idéia que tem um 'germenzinho' autoritário burocrático, talvez por isso agrade ao PT", afirmou.

O líder tucano criticou ainda a forma como o PT tratou o debate sobre as privatizações durante a campanha, dizendo que Lula criou o "fantasma" da privatização. "Estamos tão atrasados que quando se fala de privatização, tremem de medo", disse. FHC reclamou ainda que faltou maturidade para a sociedade ao discutir o tema. "Quando se fala em privatização, (a sociedade) treme de medo. Isso é um fantasma. E quem fez os fantasmas crescerem é o próprio governo, o que dá medo", disse.

CAMINHOS

Como que fazendo recomendações de como devem se comportar os parlamentares do PSDB diante dos convites públicos para negociar feitos pelo governo, FHC foi duro. Pediu aos colegas de partido "que tirem a cabeça de dentro da areia, e que falem o que quiserem falar".

O ex-presidente falou, inclusive, para boa parte da bancada tucana eleita por São Paulo, incluindo o vice-governador eleito do Estado, o deputado Alberto Goldman.

Depois de admitir que o país teve no segundo turno uma eleição vibrante, que culminou com a reeleição de Lula, FHC disse ainda que a oposição não pode se precipitar. "Não quero julgar antes da hora. Vamos esperar como vai se formar o ministério", afirmou.